

Banqueiro acha que negociação mudará

Nova Iorque — (do correspondente) — “O que eu vejo é que não há como fazer outra renegociação como esta, porque os bancos não estarão capacitados. Esta foi uma operação única e as pessoas não têm idéia do esforço que exigiu” — disse ontem o vice-presidente do comitê de assessoria, banqueiro Guy Huntrods (Lloyd's), acrescentando que os bancos sabem que o Brasil precisará de novos recursos em 85.

William Rhodes, o coordenador do comitê, com ar aliviado, disse que agora poderá dedicar mais atenção ao México e à Argentina. Lembrou as diferenças com a primeira fase das negociações. “Desta vez, todos os bancos foram instados a entrar no dinheiro novo, ao contrário da vez passada, quando só 170 bancos participaram”. E afirmou que nem mesmo quando havia o debate sobre a lei salarial no Brasil (um momento crítico da negociação) perdeu a fé em que o Governo brasileiro e o Congresso saberiam encaminhar a questão.

A RESISTÊNCIA AO INTERBANCÁRIO

Rhodes previu que o Brasil poderá voltar a crescer ainda este ano, em virtude de um aumento esperado de 3% no crescimento dos países industrializados, o que levará a uma ampliação do comércio internacional. Huntrods, por sua vez, diz que os bancos terão que acompanhar o Brasil. “Se o programa de recuperação for seguido e não ocorrerem traumatismos externos, os resultados serão positivos”. Mas os bancos continuarão usando o FMI, a cujo critério os desembolsos estão vinculados, para monitorar o ajustamento brasileiro.

Huntrods afirmou que alguns bancos opuseram resistência ao compromisso de manter inalterados os níveis de crédito interbancário. “Quando se lida com coisas que são negócio de banco, como interbancário e linhas de crédito para comércio, sempre há reação. Essas são operações que os bancos

fazem normalmente e, ao se procurar formalizá-las, há, naturalmente, uma resistência filosófica, principalmente no interbancário, que é um movimento do dia-a-dia”, disse Huntrods.

Segundo ele, o estágio crucial para fechar o pacote foi a negociação com o FMI. Durante o processo de discussão entre os 14 bancos do comitê, houve debate, às vezes acalorado, mas as decisões eram sempre tomadas por unanimidade — revelou Huntrods.

SÓ OS EUA SE COMPROMETERAM

Isso não significou que o Governo brasileiro não tenha tentado conseguir coisas que os bancos não queriam necessariamente dar — disse Huntrods, negando que a redução de 9 para 6,5 bilhões nas pretensões de dinheiro novo para o Brasil venham a afetar o programa brasileiro. “As necessidades financeiras do Brasil foram estabelecidas em torno de 11 bilhões, dos quais 2 bilhões viriam do Clube de Paris e 2,5 bilhões de dólares dos governos, na forma de créditos adicionais para a exportação”.

Huntrods reconheceu que, até o momento, além do Eximbank (dos EUA), mais nenhum governo se comprometeu formalmente a desembolsar sua parte, mas “o comitê de assessoria recebeu do diretor-administrativo do FMI um compromisso claro de que ele está satisfeito e garante que o desembolso será feito de uma forma a entrar no **cash flow** de 84. Mas a decisão de quem vai pôr o dinheiro ainda não foi tomada”.

O banqueiro inglês acha que, numa perspectiva futura, será preciso que surjam idéias novas para resolver os problemas de serviço da dívida dos países do Terceiro Mundo, “mas não há uma panacéia e cada caso é um caso particular. Há certos parâmetros que deverão emergir e que estão sendo intensamente discutidos por banqueiros, economistas, políticos e estudiosos”, afirmou.